

# EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

## 3



Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)

# EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

## 3



Américo Junior Nunes da Silva  
(Organizador)

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremona  
**Correção:** Vanessa Mottin de Oliveira Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Américo Junior Nunes da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação [recurso eletrônico] : agregando, incluindo e almejando oportunidades 3 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-420-7

DOI 10.22533/at.ed.207202209

1. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Importante contar ao leitor, antes de apresentar com mais detalhe as características desta obra, o contexto em que ela se insere, marcando bem o lugar histórico que a circunscreve.

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficaz medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angustias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste volume.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*” no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades. Portanto, as discussões empreendidas neste volume de “***Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática docente.

Este livro, ***Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades***, reúne um conjunto de textos, originados de autores de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, entre outros. Os autores que constroem essa obra são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

ACERVOS PESSOAIS E A BUSCA POR NOVAS FONTES: DOCUMENTOS ESCOLARES E A PRODUÇÃO DE PESQUISAS EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Alan Marcos Silva de Rezende

Andréia Fernandes de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.2072022091**

### **CAPÍTULO 2..... 13**

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DESAFIOS DO USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DAS CIÊNCIAS

Wagner dos Santos Mariano

Jully Caroline de Carvalho Araújo

Marceli Diana Helfenstein Albeirice da Rocha

Márcio Guimarães de Sousa

Milene Santana Paixão

**DOI 10.22533/at.ed.2072022092**

### **CAPÍTULO 3..... 24**

A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA, A LUDICIDADE E O PROTAGONISMO ESTUDANTIL NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Mário Junior Saviato

Pâmela Lima do Carmo Saviato

Wanderléia Brito Miranda

Carmelita Regina Carvalho Cavalcante

Marceli Diana Helfenstein Albeirice da Rocha

Wagner dos Santos Mariano

**DOI 10.22533/at.ed.2072022093**

### **CAPÍTULO 4..... 37**

A CONCATENAÇÃO ENTRE ENSINO E DEFICIENTES VISUAIS NO ÂMBITO ESCOLAR: O FEITIO DE CONSTRUIR SABERES

Marcus Vinícius dos Santos Silva

Maria Cássia de Arruda Silva

Gerlane Oliveira Aguiar

Ananda Antonia Gomes de Moura

Maria Sandra Pereira

**DOI 10.22533/at.ed.2072022094**

### **CAPÍTULO 5..... 48**

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – A AUTONOMIA NA GESTÃO DO PRÓPRIO DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

Adelcio Machado dos Santos

Joel Haroldo Baade

**DOI 10.22533/at.ed.2072022095**

<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>55</b>
VIOLÊNCIA NA ESCOLA: APORTES PARA ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE PARES	
João Marcos Vitorino dos Santos	
Joyce Mary Adam	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2072022096</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>70</b>
A EDUCAÇÃO COMO NECESSÁRIA À DEMOCRACIA	
Carmem Lucia Albrecht da Silveira	
Rosimar Serena Siqueira Esquinsani	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2072022097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>76</b>
PROPOSTA CURRICULAR PARA A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL 4.0 DO CURSO SUPERIOR DE MANUFATURA AVANÇADA E INDÚSTRIA 4.0	
Nirlei Santos de Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2072022098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>84</b>
INCLUSÃO SOCIAL DE MULHERES NO IFPB: ESTUDO DE CASO DO “PROGRAMA MULHERES MIL” NO MUNICÍPIO DE BAYEUX-PB	
Maria da Conceição Castro Cordeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.2072022099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>97</b>
O CENÁRIO DAS PESQUISAS NO ÂMBITO DA ESCOLARIZAÇÃO DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	
Thaynara Maria Pontes Bulhões	
Ivanise Gomes de Souza Bittencourt	
Anna Carla Soares da Silva	
Mariana de Oliveira Moraes	
Thais Mendes de Lima Gomes	
Diane Fernandes dos Santos	
Adélia Maria de Barros Soares	
Marília Vieira Cavalcante	
Caroline Magna de Oliveira Costa	
Cláudia Maria Praxedes Leal	
Rosalia Maux de Carvalho Rodrigues	
Jayane Omena de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20720220910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>107</b>
A FUNDAÇÃO ORIENTE E AS CONEXÕES ENTRE SUL-SUL E SUL-NORTE: REFLEXÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA NO PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO DE DOCENTES E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO TIMOR-LESTE	
Luis Gustavo Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20720220911</b>	

<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>115</b>
O ESTADO FEDERATIVO BRASILEIRO, REGIME DE COLABORAÇÃO E REPARTIÇÃO DE COMPETÊNCIAS NA GESTÃO DA EDUCAÇÃO	
Raimunda Maria da Cunha Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20720220912</b>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>131</b>
DANÇA E NEUROREABILITAÇÃO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES O PROCESSO DE APRENDIZAGEM ESCOLAR	
Maria Fernanda Silva Azevedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20720220913</b>	
<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>150</b>
TECNOLOGIAS DIGITAIS ALIADAS AO ENSINO DA LIBRAS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO IFB	
Joseane Rosa Santos Rezende	
Núbia Flávia Oliveira Mendes	
Rosenir Martins Nunes Chaves	
Sylvana Karla da Silva de Lemos Santos	
Valdilene Chaves Furtado de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20720220914</b>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>166</b>
INFÂNCIA DANÇANTE: CORPOS QUE SE ABREM AO MUNDO	
Tathyane Afonso da Silva	
Maria do Carmo Morales Pinheiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20720220915</b>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>188</b>
PROJETO MÃOS QUE COOPERAM	
Aline Nayara Sena dos Santos	
Dayana Vilas Boas Ferreira	
Fabiana dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20720220916</b>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>194</b>
CAÇA AO TESOURO: DESCOBRINDO PISTAS, BRINCANDO E APRENDENDO	
Juliana Rodrigues Terra Azevedo	
Martha Valente Domingues dos Santos	
Záira de Moraes Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.20720220917</b>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>201</b>
USO DA METODOLOGIA APRENDIZAGEM ENTRE EQUIPES: “DESAFIO DO DOMINÓ” PARA A PRÁTICA LOGÍSTICA	
Regiane de Fatima Bigaran Malta	
Pedro Luiz Holuboski Júnior	

**DOI 10.22533/at.ed.20720220918**

**CAPÍTULO 19..... 210**

**PLANTANDO CHEIROS E SABORES**

Tatiana da Rocha Vieira

Cleidiane Luzia Macedo

Camila Vieira Senra Vitória

**DOI 10.22533/at.ed.20720220919**

**CAPÍTULO 20..... 213**

**GAMIFICAÇÃO E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS NAS AULAS DE MATEMÁTICA:  
UMA EXPERIÊNCIA COM A PROBLEMATECA**

Joycimar Lemos Barcellos Zeferino

Martha Valente Domingues dos Santos

Záira de Moraes Almeida

**DOI 10.22533/at.ed.20720220920**

**CAPÍTULO 21..... 218**

**A REFORMA DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL E OS DESAFIOS DO ENSINO  
TÉCNICO INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO NA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA**

Adriana dos Reis Ferreira

**DOI 10.22533/at.ed.20720220921**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 239**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 240**

## INFÂNCIA DANÇANTE: CORPOS QUE SE ABREM AO MUNDO

*Data de aceite: 01/09/2020*

*Data de submissão: 08/06/2020*

### **Tathiane Afonso da Silva**

Universidade Federal de Catalão (UFCAT)  
Catalão, Goiás  
<http://lattes.cnpq.br/9096933806969700>

### **Maria do Carmo Morales Pinheiro**

Universidade Federal de Catalão (UFCAT)  
Catalão, Goiás  
<http://lattes.cnpq.br/1429555671168699>

**RESUMO:** A dança é um fenômeno polissêmico com benefícios físicos e psicológicos e já pode ser considerada uma área de conhecimento autônoma. Diante disso, objetivou-se com este estudo investigar os efeitos da dança na infância. A amostra da pesquisa é composta por um grupo de seis crianças entre 09 e 13 anos integrantes da turma Ritmos Kids, da Instituição Serviço Social da Indústria (SESI). O estudo durou 18 meses com dois encontros com as crianças e cinco encontros com os pais. Os dispositivos de produção de dados foram entrevistas-diálogos, desenhos e criação de coreografias. A revisão bibliográfica do estudo baseou-se em autores da filosofia da diferença, entre eles, Deleuze (1988, 1995, 1997), Guattari (1997), Caetano, Resende e Torralba (2011), Passos, Kastrup e Escóssia (2009), Roinik (1993, 2000, 2018). Os resultados desse estudo mostraram que a dança vai além de reprodução de coreografias, se compondo como instante de criação, liberação, conexão e

banquete, em que são servidos alimentos que não são do plano visível da realidade, mas remetem à invisível força da fome de alegria, amor, liberdade, paixão, amizade e conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infância, Dança, Corpo.

### **DANCING CHILDHOOD: BODIES THAT GET OPEN TO WORLD**

**ABSTRACT:** The dance is a polysemous phenomenon with physical and psychological benefits and can already be considered an autonomous area of knowledge. Therefore, this study aimed to investigate the effects of dance in childhood. The research sample is composed of six children between the ages of 9 and 13, members of the Ritmos Kids group, from the Social Service Industry Institute (SESI). The study lasted 18 months with two meetings with the children and five meetings with your parents. The data production devices were interviews-dialogues, drawings and creation of choreographies. The literature review of the study was based on authors of the philosophy of difference, among them, Deleuze (1988, 1995, 1997), Guattari (1997), Caetano, Resende and Torralba (2011), Passos, Kastrup and Escóssia (2009). Roinik (1993, 2000, 2018). The results of this study revealed that dance goes beyond the reproduction of choreography, being composed as an instant of creation, liberation, connection and banquet, in which are served foods that are not of the visible plane of reality but which refer to the invisible force of hunger of joy, love, freedom, passion, friendship and knowledge.

**KEYWORDS:** Childhood, Dance, Body.

## 1 | PRIMEIROS PASSOS DE UMA DANÇA DA ESCRITA

As experimentações com a Dança durante a Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Catalão (UFCAT), foram transformadoras, e, por isso, nos mobilizaram a investigar esse saber tão antigo e, ao mesmo tempo, sempre tão novo, junto à infância, que tanto nos ensinou nos trabalhos pedagógicos vividos nesse interim. De uma compreensão restrita da dança, como mera reprodução de coreografias, demos um salto qualitativo considerável por meio de experiências acadêmicas que dilataram nosso olhar para essa manifestação cultural tão singular. Passamos a sentir e pensar a dança como saber que possibilita autoconhecimento, expressão, criação, inclusão e, sobretudo, é uma linguagem que permite sentir a vida a partir do movimento corporal humano, respeitando a existência singular de cada um/a.

Assim, nosso olhar desviou-se à subjetividade e às multiplicidades na relação *com* e *a partir* do corpo. Mirando através do que nossos olhos possibilitavam enxergar, na busca de expandi-lo, passamos a ver o corpo como espaço de criação, atravessamentos, expressão e vida. Desde então temos tentado viver um *corpo-sem-orgãos* que, para Deleuze e Guattari (1996), é um corpo que não é pessoal, não é individual, não é o meu corpo. O corpo-sem-orgãos é fluidez e abertura que surpreende, assusta, emociona, inquieta e ‘explode’ os contornos bem delimitados (COSTA, 2003); é uma produção viva, objeto de experiências e vivências que, ao nascerem, forjam novos sentidos, mas que, depois de certo tempo, podem perder força, se encerrar e dar lugar à novas produções, novos nascimentos, sem que haja controle anterior a elas.

Deleuze e Guattari (1995; 1997) falam de corpos transformados para além das formas, volumes e modelos, por meio de experiências micropolíticas não visíveis, pois a micropolítica perceptível é efeito produzido no corpo vivo, como se pudéssemos enxergar o que nos afeta/toca, mas que produz um estado novo, em que recebemos um embrião que nos orienta/instiga ao devir (ROLNIK, 1993). Para Deleuze e Guattari (1997), *devir* é um verbo com toda a sua consistência, que está (e nos leva) para além de ‘parecer’, ‘ser’, ‘equivaler’ ou ‘produzir’. Devir é um rizoma, é multiplicidade e singularidade, se compõe das relações intensivas em seu tempo e espaço.

Foi então que nasceu a necessidade de escrever (e, quiçá, dançar com essa escrita!) acerca desses atravessamentos e conexões, processo que proporcionou o contato com autores/as que impulsionam a pensar e escrever aquilo que instiga nosso corpo; corpo que deseja continuar a dançar. Afinal,

O corpo é o ponto zero do mundo, lá onde os caminhos e os espaços se cruzam, [...] está em parte alguma: ele está no coração do mundo,

este pequeno fulcro utópico, a partir do qual eu sonho, falo, avanço, imagino. Percebo as coisas em seu lugar e também as nego pelo poder indefinido das utopias que imagino. Meu corpo é como a Cidade do Sol, não tem lugar, mas é dele que saem e se irradiam todos os lugares possíveis, reais ou utópicos (FOUCAULT, 2013, p.14).

Com base em Deleuze (1992), pensamos que o corpo vai além das limitações impostas socialmente, pois é atravessado por devires e afetos. Para Caetano, Resende e Torralba (2011), esse corpo não recortado do mundo enquanto uma unidade formal e objetiva é o corpo utópico-dançante que faz o interior se dilatar aumentando o espaço na intensidade à medida que se deixa conectar e contagiar pelos outros espaços, tornando-se interior e exterior de uma só vez. Citamos, ainda, uma pergunta de Foucault (2013, p. 14), essencial à esta pesquisa: “[...] o corpo do dançarino não é justamente um corpo dilatado segundo todo um espaço que lhe é interior e exterior ao mesmo tempo?”

São os atravessamentos e encontros que produzem conexões: para dar passagem a esse processo, em diálogo com a pulsação do corpo intensivo, é precisa nos desprendermos de certos valores carregados. Isso permite que (re) inventemos, segundo Pinheiro (2010), mergulhados em uma experiência estética que se manifesta de múltiplas formas, transitando pela essência, coisa-em-si, de Dioniso, e pela aparência, ordem e equilíbrio de Apolo.

Ao realizarmos um estágio não obrigatório na Instituição Serviço Social da Indústria (SESI), para dar aulas de dança na turma *Ritmos Kids* destinada à crianças de 04 à 14 anos, iniciamos um processo de conexões que nos forçou a sair de certa região de conforto com relação à Educação Física e à Dança. As aulas eram planejadas com base no que a graduação proporcionava, mas, a partir dos encontros com as crianças, nos permitíamos ser afetadas pelas vivências ali desenroladas, o que descarrilhava muitos planejamentos.

Cada aluno/a dessa turma nos marcou de forma única. As aulas eram muito mais do que aprender a dançar; um espaço para compartilharmos nossos dias, assuntos da escola, família, medos, problemas, castigos, festas, paixões. Tais vivências frisavam o papel marcante que parecíamos ter na vida das crianças, pois, ao partilharem suas vidas, mostravam confiança em nós.

Em diversos momentos olhávamos para aquelas crianças dançantes e seus corpos intensivos e pensávamos em seus avanços; além das relações que firmamos com o correr do tempo. Quando faltavam à aula, contactávamos os/as cuidadores/as para saber o que se passava. Um laço nos unia e a relação pedagógica se tornou via de mão-dupla de aprendizagem, pois já não importava mais quem, ali, tinha o papel de ensinar. Os pequenos corpos ensinavam acerca da vida e de sentimentos, embora ali estivessem para aprender a dançar ritmos em seu sentido técnico estrito.

Assim, o aprendizado excedeu planos e expectativas, energia marcante nas aulas, com danças coreografadas, mas também com brincadeiras, criações, alongamentos, conversas, história dos ritmos, filmes, e, claro, carinho, cuidado e conexões.

Realizamos algumas apresentações dançantes ao fim das quais as crianças eram aplaudidas e elogiadas. A plateia se deslumbrava com sua desenvoltura, e quem ia especialmente para vê-las, sempre nos procurava para parabenizar o trabalho. Os relatos e conversas nos faziam pensar acerca da força de nosso andar com essas crianças. E crianças são “seres estranhos dos quais nada se sabe, esses seres selvagens que não entendem nossa língua” (LARROSA, 1998, p. 183). Esse autor nos brinda com uma ideia de infância muito potente para este estudo: “[...] algo que escapa a qualquer objetivação e que se desvia de qualquer objetivo [...]” (LARROSA, 1998, p. 185), o que nos remete diretamente à experiência com as crianças da turma *Ritmos Kids*. A infância escapa daquilo que esperamos e pretendemos, está além de qualquer captura, causa inquietações, questiona nossas práticas; nos interpela.

Sempre tivemos contato com a maioria dos/as cuidadores/as, e com eles/as compartilhávamos nossas impressões em relação ao crescimento de cada criança. Esse crescimento se refere a expansões, em que os sujeitos se permitiram viver o corpo e seu devir a partir das conexões criadas nas aulas, em seus próprios ritmos e formas. Ao acompanharmos esse processo, vimos a vida se manifestar nessa infância dançante, em suas velocidades, texturas, sonoridades, multiplicidades e no experimento de ‘estar’ e ‘ser’ um corpo vivo.

Para pensar o corpo intensivo, é preciso captar sua micropolítica:

A questão micropolítica – ou seja, a questão de uma analítica das formações do desejo no campo social – diz respeito ao modo como se cruza o nível das diferenças sociais mais amplas (que chamarei de “molar”), com aquele que chamei de “molecular”. Entre esses dois níveis, não há uma oposição distinta, que dependa de um princípio lógico de contradição. Parece difícil, mas é preciso simplesmente mudar a lógica [...] as lutas sociais são ao mesmo tempo, molares e moleculares. [...] A questão micropolítica é a de como reproduzimos (ou não) os modos de subjetivação dominantes (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 149 e 155).

A dança é uma manifestação cultural que, desde a era primitiva, se faz por meio da expressão corporal, com ou sem música, em variados ritmos, celebrando a vida: pede chuva, é usada como reza, em agradecimento, homenageia deuses. Enfim, a dança nasce *a partir* da vida, *com* a vida e *para* a vida. Acontecimentos dançantes, em ritmos singulares, nos fazem espalhar o ‘latente em nós’, ao mesmo tempo em que criamos conexões. Quando dançamos, despertamos para o movimento e, se nos permitimos, podemos olhar para nós mesmos e para a multiplicidade que nos

rodeia: a dança é um conhecimento que nos liga a nós mesmos e ao vasto mundo que partilhamos.

Nos parece que tais processos foram disparados na experiência compartilhada com os/as alunos/as da turma *Ritmos Kids*, motivo pelo qual esta pesquisa pergunta: quais os efeitos da dança nos corpos de uma infância dançante que se permitiu variadas conexões a partir desse experimento?

Frente a isso, o objetivo geral deste estudo é pensar os efeitos da dança nos corpos de uma infância dançante que se permitiu conexões; os objetivos específicos são: 1) investigar as marcas da dança nos corpos de uma infância dançante; 2) reconhecer e pensar os possíveis efeitos das experimentações de criação dançante; 3) captar o olhar dos/as cuidadores/as para a dança.

Por isso, elegemos como caminho de pesquisa, a cartografia, que permitiu viver e pensar os efeitos da dança em corpos intensivos, um método que se pratica (pesquisa-intervenção), pois não se baseia em regras a priori, e, sim, produz as regras no caminhar-dançar de quem pesquisa. A partir dos dados produzidos nessas cartografias dançantes, destacamos as seguintes categorias de análise: 1) Corpos que se abrem aos encontros e afetos dançantes; 2) Você tem fome de que? 3) Do visível ao invisível da Dança.

## 2 I CARTOGRAFIAS DE UMA INFÂNCIA DANÇANTE

O caminho aqui trilhado é o do método cartográfico (KASTRUP, 2009; ROLNIK, 1993), que neste trabalho flui por se tratar de uma pesquisa-intervenção experimentada, sentida e pensada no percurso de dezoito meses com a turma *Ritmos Kids*.

A cartografia é um método que se propõe a acompanhar processos e não, necessariamente, representar um objeto; é quando a representação do objeto não basta, motivo pelo qual propõe, no lugar disso, a investigação dos processos de produção desse objeto a ser estudado (PASSOS; BARROS, 2009). Não é um método que se aplica, mas que se pratica, pois não se baseia em regras dadas a priori, e, sim, constrói as regras no seu caminhar (dançar!).

Para nortear essa 'andança', nos inspiramos numa coletânea (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009), que discute a formação e as políticas cognitivas do/a cartógrafo/a, apresentando pistas para guiar esse trabalho. São referências, também, as escritas e falas de Rolnik (1993; 2018), que coloca que os movimentos do/a cartógrafo/a dão língua aos afetos e detectam a linguagem do corpo, numa versão em que a linguagem precisa ser sentida/vivida em vez de explicada; por isso o/a cartógrafo/a precisa estar mergulhado/a na pesquisa intervenção, ligado/a e sensível às forças circulantes, ao invisível e indizível.

Segundo Kastrup (2009), o/a cartógrafo/a precisa estar atento/a, pois a cartografia não é a simples seleção de informações; ela se faz por meio da detecção das forças circulantes e apreensão do material em tela, que, a princípio, pode ser visto como algo sem nexos e fragmentado; é um caminho que requer uma concentração sem focalização, indicada por Deleuze (1988) em seu Abecedário: uma atenção à espreita e flutuante.

A cartografia propõe “o desafio de realizar uma reversão do sentido tradicional de método - não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça no percurso suas metas. A reversão, então, afirma um ‘hódos-metá’” (PASSOS; BARROS, 2009, p.17).

Para que ocorra a pesquisa intervenção, o/a pesquisador/a-cartógrafo/a mergulha no plano de experiência, com envolvimento e conexão com a pesquisa feita, o que permite a passagem de inquietações e curiosidades. As nossas vivências desencadearam diversas inquietações que nos forçaram a (re)pensar os sentidos da dança, do corpo, da didática, das conexões feitas a cada aula; um caminho que nos possibilitou despertar para a vida e para novos mundos, o que justifica nossa aproximação desse modo de pensar e efetivar a pesquisa. Na cartografia, conhecer e fazer são inseparáveis, pois conhecer é fazer/criar uma realidade de si e do mundo (PASSOS; BARROS, 2009).

A cartografia é usada nesta pesquisa como apoio metodológico que permite pensar os efeitos, afetos, influências, marcas, conexões de cada corpo dançante que participa deste estudo. Segundo Barros e Kastrup (2009, p. 57):

[...] a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo [...] é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto [...] em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças.

Na escrita deste trabalho, em vários momentos relembramos o vivido, porém, como um processo de adentrar outra espécie de memória: do invisível, que não é feita de fatos, mas de marcas (ROLNIK, 1983). Essas marcas ganham existência quando nos permitimos conectar e relacionar com o outro, e, em muitos momentos, geram estranhamento, rebuliços que instauram uma abertura para a criação de um novo corpo. Tais marcas são pensadas como gênese de um devir; estados vividos em nosso corpo no encontro e enlace com outros corpos, tornando-nos outros de nós mesmos.

Desde o início da produção deste trabalho, estivemos mergulhadas num processo que não dá ideia do que há por vir, motivo pelo qual faz-se necessário que o/a cartógrafo/a esteja atento/a às forças e atravessamentos.

A cartografia é feita por meio de uma produção de dados, que, em nossa pesquisa se deu pelas mãos (e pés!) de uma infância dançante; para captar tal produção, olhares e marcas das crianças e seus/suas cuidadores/cuidadoras, escolhemos alguns dispositivos que dessem vida a isso.

Cunhado por Foucault (1979, p. 244), o conceito de dispositivo trata de

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.

Dispositivos são um emaranhado de linhas de naturezas distintas a serem seguidas; ferramentas que nos fazem ver e falar o dito e o não dito, criando modos de visibilidade e dizibilidade; e há muitos modos de sentir, perceber e dizer, variáveis de acordo com cada formação histórica (DELEUZE, 1992).

Os dispositivos de produção de dados desta pesquisa foram: desenhos; criação de coreografia; dança livre e roda de conversas, realizadas em dois encontros no Laboratório de Práticas Corporais e Artísticas (LABCORA) da Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Investimos nesses dispositivos por buscarmos o melhor ângulo e meio de captar o olhar e os afetos das crianças em relação à dança, ao corpo e às relações envolvidas. Convidamos todas as crianças ativas nas aulas de *Ritmos Kids*; após o aceite dos convites, apresentamos aos/as cuidadores/cuidadoras o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e tivemos a devolutiva de cinco TCLEs assinados.

Segue abaixo tabela que identifica/codifica as crianças que participaram da produção de dados da pesquisa com a pesquisadora dançante (PD).

NOMENCLATURA CRIANÇA	GÊNERO	IDADE
CL	Feminino	11 anos
NT	Feminino	13 anos
LI	Feminino	09 anos
LA	Feminino	09 anos
ME	Feminino	09 anos
ED	Feminino	09 anos

Tabela 1 – Crianças investigadas

Seis crianças participaram do primeiro encontro. Ao chegarem, rememoraram algumas de nossas vivências, como apresentações e brincadeiras.

Notamos a nostalgia na fala das meninas e a vontade de reviver, naquele momento, experiências marcantes. Foi então que pusemos algumas canções de sua preferência: entusiasmada e livremente, elas dançaram; e nós ficamos a admirar aquela infância dançante, esbanjando alegria e vitalidade.

Assim, começamos a conversar a respeito de um dos nossos dispositivos de produção de dados: o desenho. Pedimos para que expressassem no desenho o que era a dança, as aulas, os sentimentos que as envolviam no tempo em que passamos juntas. Enquanto desenhavam, conversamos a respeito das aulas na escola, de suas criações, cores e outros assuntos. Quando terminaram os desenhos, em uma roda, abordamos os sentidos de cada produção, encerrando o encontro com abraços apertados, sorrisos largos e contagiantes, sensação de gratidão e ansiedade pelo porvir.

No segundo encontro, três meninas compareceram; dançamos algumas músicas de seu gosto e, posteriormente, apresentamos uma música ainda desconhecida: Ciranda da Bailarina. Tal canção, a princípio, causou estranhamento e muitos risos, sobretudo quando a palavra ‘pereba’ aparecia; convidamos as meninas para escutar a música e se deixar contagiar.

Nas aulas planejadas da turma *Ritmos Kids*, sempre havia instantes para as crianças criarem coreografias juntas, algo central para promover contato, criar laços e disparar inventividade, individual e coletivamente. No encontro da pesquisa também foi proposta a criação conjunta de uma coreografia da música Samba Lêlê (Zé Renato); as meninas se envolveram e a realizaram juntas, estimulando-se mutuamente a criar. Após os momentos de dança livre e criação, numa roda de conversa acerca dos sentidos dessas experiências, abordamos sensações, sentimentos, afetos, marcas e importâncias.

Além de cartografar as sensações infantis, criamos outro dispositivo de produção de dados: uma entrevista com os/as cuidadores/as das crianças, para captar seus olhares para a dança. Participaram um cuidador e quatro cuidadoras, que nos receberam em suas casas com muita abertura a esta pesquisa: encontros únicos que mostraram que os laços criados perduraram.

Segue abaixo tabela que identifica/codifica os/as cuidadores/cuidadoras.

Nomenclatura Criança	Gênero	Idade	Cuidador/a	Idade
CL	Feminino	11 anos	Cuidadora VL	43 anos
NT	Feminino	13 anos		
LI	Feminino	09 anos	Cuidador LD	33 anos
LA	Feminino	09 anos	Cuidadora RE	45 anos
ME	Feminino	09 anos	Cuidadora FE	42 anos
ED	Feminino	09 anos	Cuidadora UL	43 anos

Tabela 2 – Cuidadores/as das crianças investigadas e vínculos

### 3 I CORPOS QUE SE ABREM AOS ENCONTROS E AFETOS DANÇANTES

Os encontros dançantes com nossas alunas permitiram ler (em suas muitas expressões) que se tratava de corpos que chegaram até nós com potências e latências retraídas, e, com o passar do tempo, foram se transformando; as potências foram ganhando espaço e força. Sentimos que eram corpos que chegavam fechados, vergonhosos, um pouco tensos, e que aos poucos foram se abrindo, se liberando a si mesmos, permitindo-se ir um pouco mais longe. Nesse caso, ir um pouco mais longe significa afastar-se de si, de certo modo de colocar-se no mundo, normalmente imposto pela cultura e pelos hábitos como modos de ser e de sentir. Ir um pouco mais longe nos parece muita coisa. Então, o corpo só se abre quando se permite experimentar o novo, para que as forças possam passar e transformá-lo, por meio da dança.

Na conversa com a aluna NT, essa abertura dá-se no correr do tempo, que, além de levá-la à mudança consigo, mudou sua relação com o outro. Ao perguntarmos como NT se sentia nas aulas de dança, ouvimos: ***“Muito feliz, quando entrei ficava morrendo de vergonha porque não conhecia ninguém, mas depois a dança me ajudou a perder a timidez, [...] a comunicar melhor com as pessoas e me sentia muito feliz”*** (NT, 13 anos).

A preocupação com a desenvoltura das crianças foi uma das motivações para matricular ME, filha da FE. Quando questionamos o motivo da matrícula de sua filha, ela respondeu: ***“Porque minha filha gosta muito de dançar, para desinibi-la um pouco, pois era muito vergonhosa, e para socializar com outras crianças.”*** (FE, 42 anos).

Desejávamos, para as aulas planejadas dos encontros dançantes, que as crianças se envolvessem e se expandissem. Por isso, em certos momentos, elas ficavam livres para criar coreografias, em outros, se uniam e criavam coletivamente; a partir dessas conexões, novas marcas eram sulcadas naqueles corpos dançantes. O desenho da aluna CL (11 anos) nos leva a pensar essas marcas, de diferentes intensidades para cada criança envolvida. Independentemente do tempo que passar,

o que marca, fica ali, guardado na memória do corpo: instantes de transformações.



PD: O que são esses polegares no desenho?

CL: São os dedos das pessoas que desenharam aqui comigo, é o símbolo da amizade.

Figura 1 - Desenho da aluna CL

O entendimento acerca da palavra amizade é abordada no Abecedário de Deleuze (1988), para quem amizade é uma questão de percepção, quando percebemos algo que nos convém, ensina, abre e revela algo; é quando alguém emite signos e recebemos ou não, quando somos sensíveis aos signos emitidos pelo outro. Quando as meninas participaram dos encontros em que pusemos em curso os dispositivos de produção de dados, percebemos o carinho, conexão e empatia que elas possuem umas com as outras; inclusive, gravamos em vídeo o momento em que elas criaram uma coreografia juntas:

(...) começaram pedindo a opinião da outra, sugestões dos passos que elas achavam que encaixavam na música. Cada uma delas criou um passo e ensinou as outras a desenvolverem, e, quando necessário, repassaram os passos outra vez, garantindo que todas tivessem de fato captado os passos elaborados e criados pelo grupo (Cena 2, Samba Lelé, 4min35seg.).

Foi perceptível, nesse momento, que as crianças conseguiram dialogar e sintonizar-se com os signos emitidos ali, conectando-se com a música, tempo musical, passos, criações, consigo mesmas, atentas as ideias do/a outro/a.

Quando questionamos NT acerca da sensação de montarem coreografias juntas, ela respondeu: **“Vai conhecendo mais a pessoa, do que ela gosta de dançar, eu acho que quando a gente cria uma coreografia temos que aprender a dividir, cada parte pra um, se um não concordar, vai fazer outra coisa”** (NT, 13 anos). A aluna LI complementa **“Eu acho muito legal a gente dançar com outras pessoas, porque assim a gente perde a timidez, faz amizades e outras várias**

**coisas**” (LI, 09 anos). Tais experiências marcam os corpos de todos/as envolvidos/as, pois nos forçam a captar forças e sinais circulantes num plano invisível. As expressões das alunas mostram questões essenciais para a vida: colocar-se no lugar do outro, considerar a relevância de compartilhar e caminhar em grupo, de que as pessoas se constroem a si mesmas e ajudam a construir umas às outras, e nisso, se transbordam, valorizando as singularidades e multiplicidades de cada um/a.

Na conversa com NT pedimos para que falasse mais de seu desenho, e ela disse: “**(...) a senhora é muito especial pra mim, foi através da dança que eu conheci a senhora e que descobri outra pessoa em mim**”. Instigadas pela resposta, perguntamos a que outra pessoa ela se referia, e ouvimos: “**Uma pessoa mais corajosa, [...] mais confiante, [...] mais segura, [...] mais feliz**”. A ideia de distanciar-se de certo modo de ser e aproximar-se de outro, descobrindo novas forças e possibilidades de ser e estar no mundo, aparece também na conversa com LA (09 anos), que explicou seu desenho:



LA: É que o dia que eu comecei a dançar, eu achei que nunca ia conseguir, eu achei que não ia seguir o caminho da dança porque eu sempre gostava de dançar quando era pequena e sempre falava para minha

mãe que queria ser uma dançarina de show, mas um dia eu desisti porque eu achei que não ia conseguir esse sonho. Quando eu comecei a fazer aula de ritmos eu libertei uma pessoa dentro de mim.

Logo em seguida LI (09 anos) fala de seu desenho.



D: Quem são essas pessoas no seu desenho?

LI: **Eu e você.**

PD: Por que você desenhou a gente?

LI: **Porque gosto muito de você e de todas as professoras.**

Figura 3 - Desenho da aluna LI

Kohan (2008), ao pensar os sentidos da verdades e da experiência no processo de escolarização, destaca a diferença entre o/a professor/a verdade e o/a professor/a experiência: o/a professor/a experiência é aquele/a que ao entrar em uma sala de aula, mesmo com afirmações e verdades, se coloca em uma posição em que deseja que suas verdades sejam questionadas, pois anseia transformar-se a si mesmo a partir desses encontros; não se interessa apenas em transmitir o que sabe. Já o/a professor/a verdade acredita ser portador/a de algumas verdades das quais os/as alunos/as carecem e devem, apenas, repetir. O que nos aconteceu como professora da turma *Ritmos Kids* é que encontramos muitos/as alunos/as experiência, enquanto também tentávamos, mesmo sem saber, sermos professora-experiência, que desejava e se permitia ser tocada/afetada *nos* e *pelos* encontros.

As crianças nos desassossegavam em diversos momentos, fazendo com que 'explodíssemos' caixinhas e experimentássemos algo que fugia das expectativas comuns a uma aula de dança, pois íamos muito além de transmitir e aprender coreografias para apresentações. As aulas eram desenroladas com brincadeiras, rodas de conversa, historicidade e experimentação de muitos ritmos musicais e formas dançantes. Ou seja, não era visado, apenas, um resultado ou produto final tecnicamente aprovável, típico de nosso estilo contemporâneo de vida, instrumentalizada a tal ponto que só nos permitimos viver algo se isso for produtivo; com isso, perdemos a oportunidade de sentir, viver e pensar os processos/andanças, muito mais importantes do que os lugares em que chegamos, pois a procura, o andar (dançar!) sempre é mais importante do que o lugar em que chegamos ou o alvo que atingimos.

Em nossas observações de professora, a aluna ME (09 anos) chegava às aulas ‘travada’, e em diversos momentos mostrava resistência em realizar o que era proposto; porém, não desistimos de chegar até ela e fazer com que nossos corpos conversassem, mas, para isso, sabíamos a importância de respeitar seu tempo e seu acontecer em cada aula. O tempo correu e a aluna foi permitindo se envolver. Quando a reencontramos para a produção de dados desta pesquisa, ela nos tocou, com todo seu afeto e carinho. Acerca dos afetos, Deleuze (1997) ensina que afecção é o estado da ação de um corpo quando ele sofre ação/toque de outro corpo (humano ou inumano); é uma mistura de corpos, em que um corpo age sobre o outro, produzindo sensações, vibrações e ressonâncias. São os (re)encontros, de que tanto falamos, que nos afetaram e instigaram a cartografar, conectar e permitir que diversas forças nos levassem e, assim, nos modificassem como eternas aprendizes.



PD: O que você desenhou?

ME: **Eu e você.**

PD: O que significa seu desenho?

ME: **Muito amor e carinho.**

PD: Do que você sente falta da dança?

ME: **De você.**

Figura 4 - Desenho da aluna ME

A cuidadora FE (42 anos), da aluna ME, pontua: ***“Sempre converso com minha filha, pergunto sempre o que ela fez, qual foi a dança que ela ensaiou e se há algo de errado converso com a professora para verificar o ocorrido. Tenho que pontuar que ela não realizava as coreografias direito, devido a vergonha. Com o seu carinho e persistência, ela hoje dança em qualquer lugar e para nossa grande vitória foi a apresentação na UFG e desenvolveu uma excelente apresentação.”*** Ao final da nossa conversa com a cuidadora VL (43 anos), mãe de NT e CL, perguntamos se gostaria de dizer algo mais e ela fez a seguinte ponderação: ***“Agradecer a oportunidade de dizer o que penso sobre***

*a atividade; agradecer o empenho da professora no planejamento das aulas e na dedicação com as crianças/alunas. Que a dança precisa ser incentivada, pois é uma expressão de alegria e ritmos corporais, que faz bem para o corpo e para a alma*". O contato com os/as cuidadores/as sempre foi uma prioridade em nossa andança, para que juntos/as pudéssemos contribuir da melhor forma possível (em diversos ritmos e tempos) para o desenvolvimento de cada criança, pois foram essas crianças que potencializaram nossas aulas e nossas forças (enquanto pesquisadoras, estudantes e professoras dançantes).

### 3.1 Você tem fome de que?

*"Fome come, come, come.*

*Se vem de fora*

*Ela devora, ela devora.*

*(qualquer coisa que alimento)*

*Se for cultura*

*Ela tritura, ela tritura*

*Se o que vem é uma cantiga*

*Ela mastiga, ela mastiga.*

*Ela então nunca discute*

*Só deglute, só deglute [...]".*

(PERES; TATIT, 1998)

Em todos os nossos encontros nos deparávamos com crianças famintas: por alegria, amor, liberdade, paixão. Ao captar esse anseio, nos entregávamos em todas as atividades que, ao se desenrolarem, pareciam despertar nessas crianças famintas, uma espécie de desejo do desejo, pois a cada momento elas mostravam querer mais; e aquela singela brincadeira de olhar para o outro e fazer o mesmo movimento (denominada Espelho em nosso plano), fazia com que compartilhássemos nossa fome, mas também, nosso alimento.

É de grande importância captar os efeitos da dança em cada corpo que compartilhou conosco tanta vida já marcada em nosso corpo: de pesquisadora-dançante. No desenho de NT (13 anos), as diversas cores usadas chamam atenção, pois dão vida à sua produção, que conecta a dança com boas sensações e sentimentos, nos quais em diversos momentos estávamos mergulhadas e envolvidas, pois se trata de alimentos *para* e *da* vida.



PD: Seu desenho tá muito colorido. Por quê?

NT: **É que a dança pra mim é uma forma da gente expressar os sentimentos e a alegria, então quis colocar vários pingos de cores.**

Figura 5 - Desenho da aluna NT

Dentre os dispositivos produzidos para captar os efeitos da dança nos corpos dançantes, destacamos em descrição uma cena de vídeo (Arquivo pessoal, 02min11seg), encontro em que propusemos às crianças que dançassem uma música desconhecida, de forma livre: Ciranda da Bailarina, de autoria de Chico Buarque e interpretada por Adriana Calcanhoto nessa versão.

Explicamos a atividade para as crianças e liberamos a música, que começa assim: ‘procurando bem, todo mundo tem pereba, só a bailarina que não tem [...]’. “As meninas estavam completamente envolvidas na atividade proposta, deixando com que o ritmo as levasse. Olhando de frente para o espelho, cada uma estava conectada de uma forma, se expressando de forma individual” (Cena 1, Ciranda da Bailarina, 01min50seg).

Ao observarmos o desenrolar da atividade, captamos que muitos passos ensinados nas aulas de *Ritmos Kids* foram apreendidos e, naquele instante, usados para dar vazão à expressão em curso, além de atos como olhar para frente, se olhar no espelho, fechar os olhos e sentir a música, todos enfatizados em nossas aulas. Nesse instante percebemos outras marcas deixadas em seus corpos, pois se trata dos mesmos corpos encontrados no início das aulas e que mal se olhavam no espelho, envergonhados, porém, agora, a partir da produção de uma diferença em si mesmos, se olham e se permitem viver o ritmo, o novo. Ousamos dizer que o trabalho realizado com a turma *Ritmos Kids* potencializou esses corpos de tal forma que a dança passou a ser, cada vez mais e a cada encontro, um dos alimentos que desejavam. Rolnik (1993) fala de uma memória composta de marcas, feita em nosso corpo, não em estado visível e orgânico, mas num estado invisível, que se compõe de diversos fluxos e forças, produzindo diferenças que geram os devires.

Nosso anseio era de que as alunas conseguissem se liberar e expressar, respeitando a singularidade de seu tempo. No encontro em que tivemos para a

intervenção da pesquisa, percebemos que elas captaram esses desejos, o que é muito gratificante, perceber que conseguimos chegar até o/a outro/a.

Ao questionar as crianças da importância de dançar, escrever e desenhar, LI (09 anos) diz que “**é uma expressão**”, a aluna NT (13 anos) responde “***Eu acho que é importante, que dançando, desenhando ou escrevendo a gente acaba esquecendo os problemas e desabafa um pouco***” e CL (11 anos) “***A gente vai aprendendo coisas novas faz uma mistura de cada coisa, pra aprender cada coisa melhor***”. É como se o expressar fosse um meio de alimentar aquilo de que se tem fome (sonhos, desejos, o que faz os olhos brilharem e as vibrações e energias que tudo isso ressoa) e colocar para fora os monstros e pesos que as afetam, produzindo e liberando forças.

Nossa busca era por proporcionar momentos prazerosos para as crianças, com atividades que instigassem experimentações e vivências, ampliando a bagagem de cada um/a, a partir da aposta na diversidade de ritmos, passos, estímulos e sentidos. De acordo com Barcelos (2006), é difícil descrever a alegria que o corpo experimenta quando é tomado pela música, em seus diversos ritmos (valsa, tango, forró, bolero ou samba). De imediato se instala a sensação de vitalidade extraordinária da carne, que pode ser dada, talvez, do movimento ritmado que transporta o corpo para estranhos lugares.

Para Barcelos (2006) esses lugares estranhos são:

Lugares que desmarcam as fronteiras da corporeidade e promovem um leve esquecimento de suas dores, de seus pesos e de seus cansaços. Como se dois corpos dançassem ao mesmo tempo: um pesado, estressado, cansado e fechado em si mesmo; e outro, leve e aberto aos agenciamentos diversos, não só humanos. Por instantes, o corpo concreto do dia a dia experimenta pequenos intervalos de descanso e liberta-se das posturas repetitivas e desgastantes que o engessam. Ele esquece de si mesmo e deixa-se levar por pequenas brechas de vida que brotam entre os movimentos (BARCELOS, 2006, p. 80).

Nos parece que as meninas falam exatamente disso quando citam as aulas de dança como espaço para o esquecimento, a leveza, a alegria, a aprendizagem e a expressão.

Em nossos encontros para a produção de dados quando perguntamos se as alunas gostam de dançar, todas responderam que sim; quanto ao porquê, NT (12 anos) diz “***Eu gosto de dançar, porque eu me sinto mais livre e esqueço os problemas que estão acontecendo na minha vida, largo tudo e me divirto um pouco, descanso a cabeça***”; LI (09 anos) afirma: “***Porque me sinto mais feliz alegre e também é uma distração***”; e CL (11 anos) diz: “***Eu acho que gosto da dança, porque é um momento de ser mais livre, não ter que ficar fazendo tarefa, estudando pra prova***”. Esses ditos que nos fazem captar e priorizar o movimento/

processo e a subjetividade que ali circula, incentivando que cada criança permita-se viver o movimento corporal de forma livre, criativa, imaginária e improvisada, para que esses processos de soltura aconteçam de forma prazerosa e o mais naturalmente possível, em que forças e fluxos sejam ativados em seus corpos dançantes.

### 3.2 Do visível ao invisível da Dança

Uma das perguntas aos/as os/as cuidadores/as das crianças, era o motivo de matricularem suas meninas na turma *Ritmos Kids*, ao que a maioria respondeu que era por conta da saúde. A cuidadora VL (43 anos) das alunas CL e NT, disse: **“Por três motivos: primeiro, porque precisavam fazer alguma atividade física, uma vez que uma delas apresentou o nível de colesterol um pouco elevado; depois, porque elas gostam muito da dança, e por ser uma opção que possibilitaria levá-las, sem dificuldade de horário e deslocamento”**. Nessa mesma direção, a cuidadora RE (45 anos), da aluna LA, responde: **“Primeiramente eu procurei porque ela estava acima do peso, aí a endocrinologista sugeriu que ela fizesse exercício físico cinco vezes por semana. Eu matriculei ela no ritmos, ela fazia natação, dois dias de ritmos, dois dias de natação e um dia de caminhada. Depois ela teve um problema no ouvido e não pode continuar na natação, aí ficou só no Ritmos mesmo e nas caminhadas”**. No caso da aluna LI, o cuidador LD (33 anos) afirma: “Porque ela gosta muito de dança e também pela saúde dela.”.

Na continuidade dos diálogos, perguntamos se havia percepção quanto ao desenvolvimento das alunas após as aulas. A Cuidadora RE, da aluna LA, diz: “Eu percebi no sentido de responsabilidade e disciplina. Como ela é muito agitada, acabava fazendo as coisas muito superficialmente. Hoje eu percebo muito mais o quanto ela melhorou na concentração daquilo que ela tá fazendo sem dispersar tanto. Acho que foi bem produtivo nesse sentido.” LD, cuidador da LI, pontua: “Percebo sim. Ela melhorou sua rotina de atividade física e a manter foco e disciplina nas atividades”. FE, cuidadora de ME, diz: **“Percebo que a dança teve muita influência na vida de minha filha. Ela era vergonhosa, não apresentava nem para as próprias colegas e com a dança ela começou a ter ritmo, concentração, disciplina e começou a apresentar para grandes plateias”**.

Acerca dos planos de realidade, molar e molecular, Rolnik (1993) afirma que ao longo de nossa existência e em cada uma dessas dimensões, a vida vai se compondo; estamos mergulhados/as em todas as espécies de ambiente. Os planos molar e molecular da realidade, referem-se, respectivamente, ao visível (plano das formas) e invisível (plano das forças), o mais óbvio e o menos óbvio.

[...] no visível há uma relação entre um eu e um ou vários outros (não só humanos), unidades separáveis e independentes; mas no invisível, o que há é uma textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que

constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições. Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos (ROLNIK, 1993, p. 2).

O olhar dos/das cuidadores/as para a dança é entendido e localizado no plano molar/visível da realidade, sendo determinado por instituições e hábitos culturais, envolvendo a macropolítica do corpo. Já o olhar das crianças foge do plano visível, para o invisível/molecular, sem reduzir a dança a um exercício físico, nem reduzir a própria saúde à dimensão física do corpo. Enfim, o olhar infantil, neste estudo, não limita o corpo a sua realidade molar, trazendo à tona a importância do aspecto sensível, intensivo da dança.

Conceitualmente, o exercício físico é toda atividade física planejada, estruturada e repetitiva que visa a melhoria e a manutenção de um ou mais componentes da aptidão física (CASPERSEN et al, 1985). Porém, nossa concepção da dança vai ao encontro de Marques (1997), que a pensa como linguagem e área de conhecimento com múltiplos sentidos, envolvendo relações, valores políticos, sociais, pessoais, culturais, tanto quanto a carne que pulsa de outro modo. Assim, a dança pode ser considerada, também, exercício físico; mas, certamente, ela é bem mais, pois possui uma simbologia milenar que a alimenta, e a força de ‘tocar’ os corpos que a ela se abrem.

Trata-se de outro tempo musical, que afeta diretamente o ritmo em que nós, corpos intensivos, para além de físicos, dançamos a vida. Pensamos a dança num plano invisível, que nos permitiu conectar, observar e captar fluxos, com atenção às potências e ressonâncias emitidas pelos corpos infantis.

Ao passarmos por encontros que nos fazem conectar com outros fluxos, segundo Rolnik (1993), nosso corpo em sua forma atual passa por uma violência que nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criar um novo corpo (como existência, modo de sentir, pensar). Esses estados inéditos são chamados de marcas, que geram metamorfoses e, a partir disso, nascem novas possibilidades de dançar em distintos ritmos e tempos musicais, mesmo com o outro em contratempo: o que importa é o que borbulha no plano invisível, é o indizível.

Ao questionarmos às crianças porque gostavam de dançar, NT (12 anos) disse **“Eu gosto de dançar, porque eu me sinto mais livre e esqueço os problemas que estão acontecendo na minha vida, largo tudo e me divirto um pouco, descanso a cabeça”**; a aluna LI (09 anos) afirma: **“Porque me sinto mais feliz, alegre, e também é uma distração”**; e CL (11 anos): **“Eu acho que gosto da dança, porque é um momento de ser mais livre, não ter que ficar fazendo tarefa, estudando pra prova”**. A dança as permite ir além do que o seu ‘papal’

majoritário habitualmente faz. Em ritmos diversos, as crianças entraram em contato com necessidades gritadas pelo corpo, em suas velocidades e cadências, indicando a dança como linha de fuga, liberação, diversão, um espaço-tempo para 'dar tempo' das obrigações, regras e rotina.

Quando CL (11 anos) fala da dança livre, pontua: ***“Foi bom porque a gente não precisou obedecer a ordens, a gente podia dançar como quiséssemos”***. Propúnhamos que os benefícios para tais corpos fossem além do plano visível e diagnosticado, proporcionando a ampliação dos movimentos, apresentando novos ritmos musicais, instigando a invenção de um corpo vivo, enfim, encontros capazes de romper os contornos bem delineados.

Para fazer da dança um espaço de possibilidades e criações, apesar de existir planejamento, a cada aula se passavam situações diferentes que eram acolhidas, e, com isso, o planejado modificava-se. O intuito era que as crianças pudessem sair transformadas de aulas que fossem marcantes (e subjetivamente dançantes)... Em diversos momentos, as meninas chegavam tristes, mas, com o desenrolar das aulas, brincando e dançando, sorrisos eram desenhados nos rostos e nossos corações se confortavam, pois, naquele instante, alguma diferença tinha sido produzida nelas.



PD: O que você desenhou?

ED: ***Eu desenhei as nossas aulas de dança, quando você ficava com a gente e eu gostava***

***muito quando você dava aula porque a gente se divertia, brincava e ao mesmo tempo dançava.***

Figura 6-Desenho da aluna ED

Para Rolnik (2000) o brincar é um meio fluido e aberto que pressupõe

liberdade para experimentar conexões e desconexões, permitindo estabelecer infinitas combinações em trajetos extensivos (visíveis) e intensivos (invisíveis). Nas aprendizagens intensivas, subterrâneas, trata-se de imersão no mundo como meio inconstante, não-formatável, e, por isso, manipulável, em que a criança aprende os signos por vibração, contágio e invenção, e não por reconhecimento ou reprodução. Assim, nos desafios do brincar, a criança se desequilibra e reequilibra, testando as potências de vida que lhe atravessam.

Todas as aulas acolham o brincar, pois a dança é uma belíssima forma de brincar, que no olhar da cuidadora e professora da Educação Infantil UL (43 anos) é essencial para o desenvolvimento da criança: “(...) Eu acho que o brincar está incluindo em tudo que você vai ensinar, se a criança aprende brincando, ela vai aprender com muito mais prazer e vai gostar do que estar aprendendo, porque se for algo só formal, ‘agora é isso, isso e isso’ sem fazer nada pra descontrair, a criança aprende com mais gosto brincando, eu já sei isso a muito tempo, desde que fiz faculdade. Quando comecei a trabalhar com educação infantil eu percebi que a criança necessita da parte de brincar pra aprender, então é muito positivo”.

Além das crianças brincarem, dançarem, aprenderem ritmos e elementos da dança, elas ensinam os/as outros/as com os/as quais convivem. LD (33 anos), cuidador de LI, diz que após de ter sua filha nas aulas de dança: “**Aprendi muito com ela, ela gosta muito de dançar, é uma forma de expressar sua felicidade**”; é tudo aquilo que a dança produz nesses pequenos e intensos corpos dançantes que, assim, se tornam potentes para contagiar aqueles/as que, com eles, compartilham a vida.

#### **4 | ESPETÁCULO DA VIDA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Nessa ‘andança’, percebemos que as expectativas com as aulas de dança transbordaram e foram expandidas (de fora pra dentro e de dentro pra fora), ao nosso entendimento isso aconteceu pelos efeitos dançantes e vivos da dança em corpos que se permitiram, conectaram e atravessaram. Fomos além do planejado, motivo pelo qual enfatizamos a riqueza de novas propostas, olhares, possibilidades de captar e viver o não dizível e invisível.

Muito do que vivemos, sentimos e produzimos no encontro com as crianças, com a música e a dança, escapa do que tentamos colocar em palavras. A força das conexões e (auto)permissões vividas nessa andança nos instiga à entrega ao novo, tecendo outros sentidos à tríade dança, vida e corpo. Essa produção proporcionou o sulco de novas marcas em nossos corpos e memórias, num recomeço do andar, da escrita e do espetáculo que é a vida.

Tal espetáculo foi composto por muitos passos, ritmos, cores, traços,

liberações, desencargos, confissões, enquanto nos entregávamos àquilo que nos movia: afecções, por meio das quais fomos contagiadas; mas também contagiamos, alçadas, juntas, a um devir-dançarino.

Sempre surpreendidas pelo toque das crianças em nossos corpos, encerramos este escrito com as palavras da aluna ED, que expressam a nossa própria perplexidade diante do fenômeno que nos moveu neste estudo:

**PD:** *Me diz duas palavras para definir a dança.*

**ED:** *Ah, não tem palavras.*

## REFERÊNCIAS

BARCELOS, T. M. **Re-quebros da subjetividade e o poder transformador do samba**. 2006. 167f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARROS, L. P. de; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA L. de. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 52-75.

CAETANO, P.; RESENDE, C.; TORRALBA, R. Micropolítica do corpo e o devir-dançarina. **Polêm!ca**, [S.l.], v. 10, n. 4, p. 551-562, abr. 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2972/2119>. Acesso em: 10 set. 2018.

CASPERSEN, C. J.; POWELL, K. E., CHRISTENSEN, G. M. Physical activity, exercise, and physical fitness. **Public Health Reports**, 100: 126-131, 1985.

COSTA, M. S. R. Dançando com o corpo-sem-órgãos. In: CALAZANS, J. et al. (Orgs.). **Dança e educação em movimento**. São Paulo: Cortez, 2003. p.58-69.

DELEUZE, G. **O abecedário de Gilles Deleuze**. 1988. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2018.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 3. São Paulo: Editora 34, 1996.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HOLANDA, C. B. Ciranda da Bailarina. PartimpimVEVO. 2012. 3min25seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=huyhO3IPRtk>. Acesso em: 30 set. 2018.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA L. de. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.
- KOHAN, W. Escola, a disciplinarização dos corpos e as práticas pedagógicas. In: **Salto para o futuro - O corpo na escola**. Ano XVIII, n. 04, abr. 2008.
- LARROSA, J. **Pedagogia profana**. 4.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MARQUES, I. Dançando na escola. **Motriz**, v. 3, n. 1, p. 20-28, jun. 1997.
- MOSCHKOVICH, J. R. B.; Samba Lelê. In: **CD Samba pras Crianças**. Manaus: Biscoito Fino, 2015, faixa 11.
- PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA L. de. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA L. de. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.
- PINHEIRO, M. do. C. M. **O corpo como campo de forças da infância**, 2010, 150f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2010.
- PERES, S.; TATIT, P. Fome Come. In: **CD Canções Curiosas**. São Paulo: Palavra Cantada, 1998, faixa 07.
- ROLNIK, S. Pensamento, corpo e devir. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-51, fev./set. 1993.
- ROLNIK, S. Os mapas moveções de Öyvind Fahlström. In: **Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC/SP**, p.1-23, 2000. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Fahlstrom.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2020.
- ROLNIK, S. Espaços de Teko Porã. 2018. 9min39seg. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_0iDKO8l-f8&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=_0iDKO8l-f8&feature=youtu.be). Acesso em: 15 nov. 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aprendizagem 9, 13, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 68, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 89, 92, 94, 97, 98, 99, 104, 105, 131, 132, 133, 134, 136, 137, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152, 155, 156, 157, 161, 162, 163, 168, 181, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 206, 209, 214, 220, 233

Autismos 188, 189

Autonomia 15, 21, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 65, 66, 67, 82, 83, 86, 88, 89, 90, 105, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 127, 145, 189, 190, 193, 201, 202, 214, 219, 228, 229, 230, 232, 234, 236

Avaliação não numérica 24, 25

### B

Brincadeira 179, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 214

### C

Competição 201, 204, 205, 208

Corpo 40, 64, 107, 110, 114, 117, 131, 132, 133, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 178, 179, 180, 181, 183, 184, 185, 186, 187, 200, 203

Criatividade 15, 51, 72, 73, 76, 77, 78, 196, 197, 205, 214

Currículo 28, 71, 76, 77, 78, 80, 82, 103, 218, 226, 227, 230, 231, 233

### D

Dança 131, 134, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 153, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186

Deficiência 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 99, 143, 160, 189

Deficiência visual 37, 38, 42, 43, 46, 47

Democracia 70, 71, 72, 73, 74, 75, 130, 220, 237

Desenvolvimento intelectual 48

Documentos escolares 1, 3, 4, 10

### E

Educação 1, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 34, 35, 36, 38, 39, 42, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 57, 60, 61, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94,

95, 96, 98, 99, 101, 103, 105, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 137, 145, 151, 153, 155, 156, 158, 163, 164, 167, 168, 185, 186, 187, 190, 193, 194, 195, 209, 211, 212, 213, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239

Educação a distância 48, 49, 51

Educação de jovens e adultos 84, 85, 87, 90, 92

Educação moderna 24

Educação profissional e tecnológica 90, 218, 234

Ensino-aprendizagem 26, 27, 37, 38, 76, 77, 79, 82, 83, 98, 104, 151, 152, 163, 195, 197, 200, 214

Ensino da libras 150

Ensino de ciências 13, 16, 17, 18, 20, 21, 22

Ensino de matemática 1, 3, 7, 8, 9

Escolaridade 58, 60, 84, 85, 90, 93, 95, 98, 99, 104, 105, 222

## **F**

Federalismo 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 128, 129, 130

Formação continuada 13, 14, 16, 17, 19, 21

Formação de professores 1, 2, 8, 12, 13, 15, 21, 22, 239

Formação inicial 35, 150, 152, 153, 154

Formação profissional 14, 18, 76, 84, 90, 93, 95, 109, 223

Fundação Oriente 107, 108, 109, 111, 112

## **G**

Gamificação 213, 214, 217

Gestão 48, 66, 95, 115, 116, 117, 122, 126, 127, 129, 188, 202, 206, 208, 236

Grupo focal 188, 191, 192

## **H**

História da educação matemática 1, 6, 8, 11, 12

## **I**

Incivilidades 55, 63, 64, 65, 67

Inclusão escolar 46, 47, 98, 99, 101, 104, 106, 131, 193

Inclusão social de mulheres 84, 85, 95

Indicadores 55, 56, 59, 62, 66

Infância 103, 125, 133, 137, 166, 167, 169, 170, 172, 173, 187, 189, 200, 225

Institutos federais 163, 218, 232, 236  
Interdisciplinaridade 194, 195, 200  
Internacionalização 107, 108, 109, 110, 113, 114

## **L**

Licenciatura 5, 7, 150, 152, 153, 154, 155, 162, 167, 239  
Logística 201, 202, 206  
Ludicidade 24, 194, 196, 200, 239

## **M**

Manhúcia Liberman 1, 2, 3, 4, 7, 11, 12  
Matemática 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 21, 22, 35, 45, 50, 132, 153, 213, 214, 217, 226, 228, 239  
Metodologias ativas 26, 76, 78, 81, 82, 209  
Mobilidade 15, 45, 77, 107, 109, 110, 112, 114

## **N**

Neurociências 131, 132, 134  
Neuroreabilitação 131

## **O**

Organização do espaço pedagógico 188, 189, 191

## **P**

Palavra 21, 70, 74, 160, 173, 175, 187  
Plantas medicinais 210, 211  
Políticas públicas para as mulheres 84, 85  
PQLP 107, 108, 109, 110, 111  
Prática 9, 15, 19, 21, 22, 26, 27, 31, 33, 56, 58, 66, 77, 78, 83, 85, 86, 95, 98, 99, 101, 102, 104, 105, 106, 120, 140, 152, 155, 156, 195, 197, 198, 199, 201, 202, 206, 208, 209, 210, 211, 217, 229, 236  
Programa mulheres mil 84, 85, 86, 90, 92, 93, 95  
Protagonismo 24, 25, 76, 82, 197, 199, 200, 214  
Protagonismo estudantil 24, 25

## **R**

Reforma do ensino médio 218, 219, 220, 221, 222, 223, 225, 226, 230, 231, 234, 235, 236, 238  
Regime de colaboração 115, 116, 118, 122, 126, 127, 128

Resolução de problemas 25, 213, 214, 216, 217

## **S**

Saber profissional 1, 2, 3, 12

Sabores 210, 211

Sociedade 6, 11, 13, 15, 18, 21, 22, 24, 25, 28, 34, 38, 39, 41, 42, 44, 46, 49, 53, 55, 57, 58, 59, 61, 63, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 85, 86, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 104, 114, 117, 120, 123, 145, 151, 200, 221, 225, 229, 234, 236

## **T**

Tecnologias digitais 77, 150, 164

TIC 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 22, 23, 151

Transtorno do espectro autista 97, 98, 99, 101, 103, 105, 106, 188, 189

## **V**

Violência escolar 55, 56, 57, 61, 62, 66, 67, 68, 69

# EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

## 3

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES 3

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)